

VISÃO DO CORREIO

O cinema brasileiro atingiu novo patamar

Com quatro indicações ao Oscar, *O agente secreto* não é apenas um êxito artístico. É um marco histórico. O filme de Kleber Mendonça Filho consolida um novo patamar do cinema brasileiro, que deixou de ser tratado como promessa periférica ou surpresa exótica para ingressar no espaço central da indústria global do audiovisual. Melhor filme, Melhor filme internacional, Melhor escalção de elenco e Melhor ator, para Wagner Moura — o conjunto das nomeações traduz, em linguagem de prestígio internacional, aquilo que o público brasileiro já vinha percebendo: há uma retomada consistente, madura e competitiva das nossas produções, capaz de dialogar com o mundo sem renunciar às nossas raízes.

O feito fica ainda maior quando se olha o caminho percorrido nas últimas três décadas e meia. O cinema nacional atravessou, no início dos anos 1990, um dos momentos mais traumáticos de sua história recente, com o desmonte da Embrafilme no governo Fernando Collor. O “enterro” da empresa simbolizou o fim de um modelo estatal de fomento e distribuição e a interrupção abrupta de uma estrutura industrial ainda frágil, que dependia de políticas públicas para existir. O resultado era previsível: produção rarefeita, salas dominadas pela lógica dos blockbusters americanos e uma geração inteira obrigada a improvisar sua sobrevivência artística em condições adversas.

Desde então, o cinema brasileiro traçou uma rota de reconstrução. Não por mágica, nem por sorte, mas por uma combinação de talento acumulado, resiliência cultural e políticas públicas que, com altos e baixos, reergueram os pilares de um setor estratégico. O cinema não é apenas entretenimento, representa trabalho, economia, tecnologia, linguagem, memória

e identidade. Países que se levam a sério não terceirizam seu imaginário.

O sucesso internacional de *O agente secreto* é uma prova disso. Ao mesmo tempo em que expõe uma parte profunda do Brasil real — suas contradições, seus traumas, seus subterrâneos sociais e políticos —, o filme demonstra que a universalidade nasce da coragem de encarar o próprio território. A arte se torna universal quando se recusa a ser genérica. E o Brasil, quando se olha sem filtro, produz obras que atravessam fronteiras por reconhecerem a complexidade da condição humana: corpo, linguagem, medo, desejo e poder.

Sim, há controvérsias. O debate sobre financiamento público e incentivos à cultura tem sido sequestrado, muitas vezes, por caricaturas ideológicas. Há quem finja acreditar que cinema se faz sozinho, apenas com “mão invisível”, como se fosse um produto industrial padronizado, sem risco e sem competição desigual. Há também, do outro lado, quem trate política cultural como dogma, sem transparência e sem discussão de eficiência. Entre essas duas simplificações, o cinema brasileiro aprendeu a combinar fomento, coprodução, mercado interno, circulação internacional e profissionalização técnica para avançar.

O orçamento de *O agente secreto*, com participação de recursos públicos e privados e apoio de coprodutores estrangeiros, não é exceção: é o padrão do cinema contemporâneo. Esse arranjo permite que a cinematografia nacional, diante das nossas desigualdades profundas e concentração de renda histórica, alcance outro patamar sem ser sufocado por uma máquina como Hollywood. A polêmica só se mantém viva porque parte do público brasileiro ainda não compreendeu que cultura é investimento. É política de Estado, não favor aos artistas.



MARCOS PAULO LIMA
marcospaulo.df@cbrnet.com.br

O agente secreto e os Estaduais

Fui assistir ao filme *O agente secreto*. Recomendo a ida ao cinema a quem opina com base no que não viu, ouviu falar ou nos cortes das redes sociais. Nada supera a construção da opinião própria para acessar o debate com conhecimento e fortes argumentos de ataque ou defesa à obra.

As 2h40 em frente à telona inspiram minha reflexão sobre um produto em extinção: o Campeonato Estadual. Vencedor do Globo de Ouro nas categorias de Melhor filme de língua não inglesa e Melhor ator, com Wagner Moura; e indicado ao Oscar de Melhor filme, Melhor filme internacional, Melhor ator e Melhor elenco, o longa de Kleber Mendonça Filho estrelado por Wagner Moura exhibe pitadas de futebol da era em que a rivalidade local era mais relevante do que jogo do Brasileiro.

A película é ambientada na maior parte no Recife de 1977. Faz referência ao Santa Cruz, ao Sport e ao Náutico em áudios de rádio ou de tevê, no caso de uma entrevista de Nunes, o Artilheiro das Decisões, ídolo do Santa e do Flamengo; nas fantasias de criança e adultos no carnaval pernambucano; ou na promessa de Seu Alexandre, personagem interpretado por Carlos Francisco, a um colega de trabalho funcionário do Cinema São Luiz: “Se o Santa ganhar hoje, eu pago a cerveja”, brinca.

A partida foi disputada em 27 de fevereiro de 1977. O Santa Cruz derrotou o Central por 1 x 0 no Arruda pela Taça Cidade do Recife. Mazinho balançou a rede no gol da vitória coral e quitou o juramento.

Alexandre encarna o torcedor de quantas época fadada a não voltar mais. Quantas

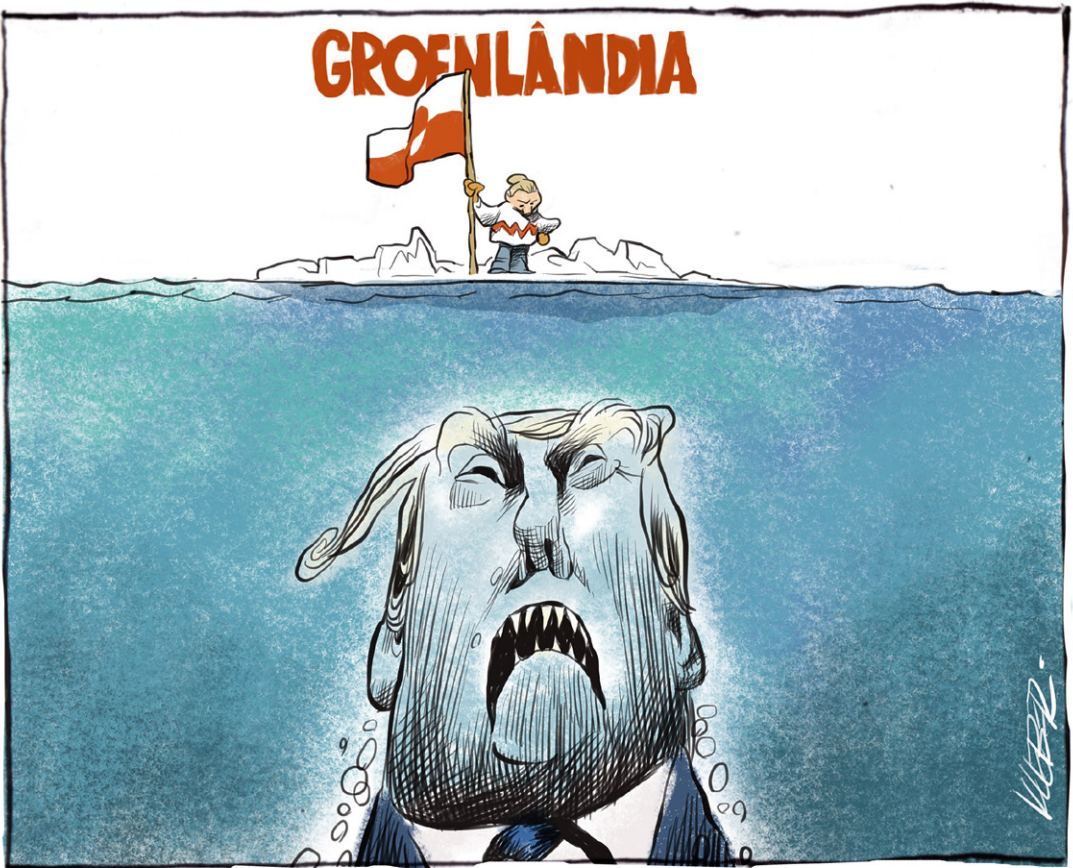
vezes você não apostou alto com o amigo da repartição em uma final de Estadual? A temporada de 1977 foi marcante no Campeonato Pernambucano e em outros tantos pelo país em um tempo no qual os torneios domésticos tinham peso de ouro.

Sport e Náutico decidiram a Final das Finais em um jogo com duração de 158 minutos! O regulamento da decisão do Pernambucano de 1977 não previa pênaltis. Houve três prorrogações até o inesquecível gol de Mauro no título do Sport. O herói acertou a bola na rede de cabeça no oitavo minuto do terceiro tempo extra e desmaiou no gramado do Estádio Arruda.

Em 1977, os estaduais ocupavam a maior fatia do calendário. O Pernambucano terminou em 14 de outubro. O Brasileiro, chamado à época de Copa Brasil, começou dois dias depois e acabou em março de 1978 com título do São Paulo.

Mil novecentos e setenta e sete marca o gol de Basílio na final do Paulistão contra a Ponte Preta, tirando o Corinthians da fila de 22 anos. A defesa de Mazarópi no pênalti de Tita seguida do acerto de Roberto Dinamite no título do Vasco no Carioca contra o Flamengo. Evoca Revêtria, o cara do Cruzeiro contra o Atlético no Mineiro de 1977. Lembra o salto imortal de André Caminha no título do Grêmio, encerrando oito anos de hegemonia do Inter no Gaúcho.

Marcos de um Brasil engajado em deletar memórias. Que obras como *O agente secreto* inspire o cinema, o futebol e outras artes a seguir em campo resgatando, preservando — e até colocando o dedo na ferida de capítulos históricos do nosso país.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Falta de vergonha

Ao ouvir, todo o santo dia, notícias que deixam as pessoas de bem constrangidas e envergonhadas, como os casos de feminicídio batendo recordes, profissionais de saúde sendo acusados de assassinatos, políticos processados por malfeitos querendo se reeleger, a falta de respeito para com as crianças e os idosos, o descalabro do Banco Master etc. etc. etc., me vem à mente um pensamento do ilustre historiador cearense Capistrano de Abreu (1853/1927): “Eu proporia que se substituíssem todos os capítulos da Constituição por um artigo único: todo brasileiro fica obrigado a ter vergonha na cara”.

» **Paulo Molina Prates**
Asa Norte

Unidos

Ninguém se iluda, em qualquer tipo de briga com os habitantes do planeta Terra, poderosos engomados ou assalariados, os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) jamais brigarão entre si. Podem errar, e erram muito, no varejo e no atacado, mas sabem que, juntos e unidos, permanecem fortes. Garantem a governabilidade. Enfrentam qualquer adversário. Todo tipo de podridão humana. Pedidos de setores políticos contra algum ministro não evoluem. Que o digam Alexandre de Moraes e Dias Toffoli. Tolice crer que, algum dia, romperão o cativante e amoroso cordão da bela amizade que existe entre eles. Desunidos, perdem a força e o controle das leis. Todos eles têm couro duro e armadura de aço contra desafetos.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Universo

Com todas as iniquidades e idiossincrasias próprias dos humanos, o planeta Terra segue girando, incólume, independente, até certo ponto, porque, em último caso, abortará os seus filhos ingratos. É a vida que segue, de alguma forma. Sendo assim, de que importa tantas rebeldias e revoltas? Frente ao universo, somos um grão de poeira cósmica. A vida algures também seguirá, indiferente ao nosso drama. Não destruiremos definitivamente o nosso orbe, destruiremos a nós mesmos. Se não resolvermos os nossos conflitos, ninguém o fará por nós. Assim, elevemos os pensamentos, ponderemos as nossas ações diárias e nos entreguemos à energia universal.

» **Humberto Pellizzaro**
Asa Norte

EUA e Otan

Donald Trump está provocando para que a Europa retalie, e ele tenha um motivo para tirar os Estados Unidos da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) sem passar pelo Congresso norte-americano. A Otan é vista por ele como algo dispendioso e ultrapassado. Ele, agora, quer focar em colonizar e se apropriar dos recursos de toda a América, e o resto do mundo que se exploda. O slogan dele é claríssimo: este é o nosso hemisfério!

» **Rafael da Silva**
Brasília

Editora: Carmen Souza // carmensouza.df@dabr.com.br
opiniao.df@dabr.com.br || 3214-1157

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O Brasil tem tradição de diálogo e mediação, mas não pode se deixar arrastar por arranjos que, sob o pretexto de pacificação de Gaza, reforcem disputas geopolíticas. Em conflitos tão complexos, não se improvisa.

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

Nos anos de 1990, a RFFSA apresentava um prejuízo da ordem de R\$ 10 bilhões por ano, a valores atuais, e o presidente FHC implementou sua privatização. Hoje, os Correios têm R\$ 20 bilhões de prejuízo, e o contribuinte vai pagar essa conta. Quanta diferença!

Luís Baldez — Asa Sul

Banco Master: A Câmara Legislativa não deve ter TV, rádio, telefone ou internet. O silêncio chega a ser constrangedor.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Fim da escala 6X1. Trabalhar menos, ganhar menos e não prosperar! Parabéns aos envolvidos!

Carmen Lucia Cremer — Porto Alegre (RS)

No dia em que sabemos que o Orelhão do Setor Comercial Sul vai concorrer ao Oscar, é sinalizado que, oficialmente, ele deixará de existir. Que coincidência!

Rogério Magalhães — Brasília

Mário Quintana tem poder de síntese e linguagem simples. Em geral, ele não possui poemas longos. Todos eles cabem na tela de um celular.

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

O mistério do Cerrado não deve ser entendido, apenas contemplado, é amor desmedido em curvas desenhado.

Humberto Pellizzaro — Asa Norte

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br